

O tempo e a divulgação científica: 10 anos da revista LaborHistórico

Time and scientific dissemination: 10 years of LaborHistórico journal

Marcus Dores¹



marcusdores@gmail.com

Célia Lopes²



celiar.s.lopes@letras.ufrj.br

¹ Editor-chefe da LaborHistórico

² Editora-chefe da LaborHistórico

Editar um periódico científico atualmente é um desafio que envolve bem mais do que gerir um fluxo de textos e prazos. Trata-se de sustentar, no tempo, um projeto coletivo de pensamento, pesquisa, escrita e divulgação. Em meio à aceleração das demandas acadêmicas, às transformações nos modos de produção, circulação e avaliação do conhecimento e ao avanço de tecnologias que automatizam processos, inclusive os criativos, manter um periódico ativo exige não apenas organização, mas convicção e resistência (inclusive política).

Boa parte das pessoas que faz a engrenagem editorial girar (editores, pareceristas, diagramadores, revisores etc.) atua movida por um compromisso ético e intelectual que não passa, quase nunca, por uma retribuição financeira. É nesse contexto que as revistas científicas enfrentam hoje uma dupla tensão: de um lado, a cobrança por rapidez e produtividade; de outro, a urgência de manter critérios de qualidade, rigor e reflexão. No centro disso tudo, uma questão se impõe: que papel o tempo desempenha na vida de um periódico acadêmico?

Essa pergunta não admite respostas simples. O tempo da ciência não é o mesmo da burocracia, nem coincide com o tempo da imprensa ou

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 15/08/2025

Aceito: 15/08/2025

Como citar:

DORES, Marcus; LOPES, Célia. O tempo e a divulgação científica: 10 anos da revista LaborHistórico. Revista LaborHistórico, v.11, n.2, e69326, 2025. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i2.69326>

das redes sociais. Um artigo pode levar meses ou anos para ser escrito, amadurecido, avaliado, publicado. A leitura também obedece a seus próprios ritmos, que escapam a métricas imediatas de visibilidade. E há ainda o tempo do pensamento, nem sempre previsível, muitas vezes descontínuo, quase sempre resistente à pressa.

No campo das ciências da linguagem, e particularmente da linguística histórica e da filologia, o tempo não é apenas uma variável externa (que já seria importante). Mais do que uma variável, o tempo é objeto, método e testemunho. As marcas que o tempo deixa na língua (ou nas línguas) ao longo de sua história são, simultaneamente, matéria e memória. Ler um texto antigo, editá-lo, analisá-lo, exige do pesquisador que ele garimpe camadas temporais, identifique usos, coteje versões, rastreie escolhas feitas por autores, copistas, revisores, leitores etc. Nesses processos, o tempo não é só cronologia. É experiência, é distância, é gesto interpretativo.

Foi com esse pano de fundo que surgiu a revista *LaborHistórico* em 2015. A proposta inicial era simples, mas ousada:

Diante da escassez de periódicos científicos que se dediquem exclusivamente à questão da mudança linguística, trazemos a lume a revista *LaborHistórico*, que tem como missão fomentar a produção científica na área de Linguística Histórica e áreas afins, como a Filologia e a História, e divulgar pesquisas científicas de pesquisadores do Brasil e do exterior, de modo a contribuir para o debate e o progresso da área. Tem como foco estudos dedicados a línguas românicas como o português, o galego, o espanhol, o francês e o italiano. (Marcotulio, Lopes e Cavalcante, 2015, p. 10)

Ao longo do tempo, a *LaborHistórico* foi de fato sendo um espaço de divulgação de pesquisas que tratassem das línguas românicas e das produções em línguas românicas como fato histórico e social, e que dessem visibilidade ao trabalho, muitas vezes silencioso e invisível, do pesquisador diante de suas fontes. Sobre esse último aspecto, criamos, por exemplo, a seção “Fontes Primárias”, já que, segundo Gama (2017, p. 135)

somos muito solitários nas inúmeras horas de pesquisa com manuscritos velhos (por vezes empoeirados), nas frustrantes tentativas de compreensão das caligrafias, nas leituras interrompidas pelas rasuras, nas dificuldades de acesso aos documentos de processo e de sua publicação [...].

Da criação da revista até hoje, a *LaborHistórico* publicou vinte e oito números, reunindo textos que dialogam com a linguística histórica, a filologia, a crítica textual, a paleografia, a história social da cultura escrita, os estudos do léxico, entre outras

vertentes. Sempre com o cuidado de acolher abordagens plurais, sem abrir mão do rigor metodológico e da clareza argumentativa.

Ao longo desses dez anos, a *LaborHistórico* promoveu dossiês temáticos sobre os mais diversos assuntos, da morfologia histórica ao contato linguístico, das formas de tratamento ao gênero epistolar, das humanidades digitais às tradições discursivas. Também prestou homenagens importantes: à professora Célia Lopes, por sua trajetória acadêmica e em comemoração à sua promoção à Professora Titular de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da UFRJ; à professora Suzana Cardoso, cuja contribuição foi publicada postumamente; e à professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, referência incontornável para os estudos diacrônicos da língua portuguesa (mas não só).

Nascida no âmbito do *Laboratório de História do Português* (posterior *Projeto HistLing – Projeto de História da Língua Portuguesa*) e, mais tarde, acolhida pelos Programas de Pós-graduação e em Letras Neolatinas (PPGLEN) e em Letras Vernáculas (PPGLEV)³ da UFRJ, a revista encontrou terreno fértil para crescer e se consolidar. Mas sua existência não se deve apenas ao espaço institucional. Ela é resultado direto do empenho de uma rede de colaboradores que, dentro e fora da UFRJ (inclusive fora até do Brasil), acreditou na proposta e contribuiu para mantê-la viva. Entre eles, é preciso lembrar do professor Leonardo Lennertz Marcotulio – atualmente Professor Associado com Agregação do Departamento de Língua e Cultura da Universidade de Aveiro, Portugal –, editor fundador da *LaborHistórico*, cuja presença permanece ativa e generosa em todas as fases da revista.

Os temas publicados pela LaborHistórico

A *LaborHistórico* nasceu de uma inquietação acadêmica e de uma convicção intelectual. A inquietação partia da constatação de que, no campo da linguística e das letras, havia poucas revistas brasileiras⁴ voltadas especificamente para estudos que envolvessem a questão da mudança linguística e o trabalho com documentos escritos, com ênfase na sua dimensão histórica, material, textual e interpretativa. Já a convicção estava ligada à ideia de que esses estudos não apenas seguem necessários, como oferecem ferramentas cruciais para pensar a linguagem em suas múltiplas camadas e interseções.

Desde o início, a revista adotou como princípio editorial a valorização do trabalho do pesquisador diante de seus materiais – daí o nome: “Labor” como esforço, gesto técnico e postura interpretativa. Esse trabalho, que atravessa a leitura de

³ Atualmente, a revista *LaborHistórico* é um periódico vinculado apenas ao Programas de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da UFRJ.

⁴ Não podemos, no entanto, deixar de mencionar dois consolidados periódicos da área: a *Calígrama* (UFMG) e *Revista Filologia e Linguística Portuguesa* (USP).

fontes manuscritas e impressas, a reconstrução de percursos textuais e linguísticos, a identificação de variantes, a contextualização histórica, a crítica das edições e das transmissões, exige um tipo de formação e de escuta que nem sempre encontra espaço nos currículos acadêmicos nem nas agendas das grandes revistas da área. O que se buscou, portanto, foi abrir um espaço no campo editorial, um lugar de acolhimento para o trabalho de fundo, metucioso e reflexivo que caracteriza a filologia, a linguística histórica e as áreas limítrofes.

Em termos teóricos, a *LaborHistórico* parte da premissa de que os textos escritos não são apenas veículos de língua, mas também registros de práticas culturais, sociais e cognitivas. Interessa-nos tanto o que o texto diz quanto o modo como ele chegou até nós. Isso implica reconhecer que a língua é histórica, que os textos são sempre mediados, e que todo ato de interpretação é situado. A edição de um documento, a análise de uma carta, o estudo de um léxico antigo, a reconstrução de um percurso morfossintático – tudo isso requer metodologias que dialogam com o tempo, com a materialidade e com os contextos de produção e circulação.

Nesse sentido, o que une os trabalhos publicados na revista não é um recorte temático fechado, mas uma atitude epistemológica diante da linguagem: uma disposição para lidar com a instabilidade, a variação, a heterogeneidade dos dados; um compromisso com o rigor analítico e com a memória dos textos (e de quem produziu esses textos); uma abertura para diferentes tradições teóricas, desde que articuladas a um objeto concreto e a uma pergunta crítica. Os pesquisadores, como visto nos artigos da *LaborHistórico* publicados nesses últimos dez anos, têm proposto soluções e métodos adequados para dar conta de todas as especificidades das pesquisas com fontes escritas do passado ou com algum ponto de intercessão com esse tipo de material.

Os especialistas vinculados à linguística histórica, por exemplo, que se interessam pelas condições gerais da mudança linguística e pelos fatores que a determinam ao longo do tempo, direta ou indiretamente, lidam com manifestações textuais de épocas diferentes do passado. O maior dilema das pesquisas tem sido justamente a própria natureza da fonte documental que embasa as suas análises linguísticas, pois os materiais escritos do passado são esparsos e lacunares, fornecendo dados parciais pertencentes a parcelas restritas da comunidade da época, limitadas muitas vezes a certos estilos e registros.

Já se a vertente de investigação for a da sociolinguística histórica, há entraves adicionais que os pesquisadores têm superado para dar conta da correlação entre fatores linguísticos e sociais. Nem sempre, ou quase nunca, é possível recuperar textos escritos por informantes distribuídos equitativamente pelas distintas faixas etárias, gênero, nível de escolaridade, classe social etc. As amostras de escrita do passado são naturalmente enviesadas, “meros restos de corpus textuais muitíssimo mais amplos” e “difícilmente vinculáveis à produção real de seus falantes” (Conde Silvestre, 2007, p. 35-36).

A *LaborHistórico* tem sido um palco saudável para essas discussões, justamente por não ser uma revista de “filologia tradicional”, nem apenas uma revista de “linguística histórica”, mas um espaço onde essas e outras disciplinas podem dialogar, sem hierarquia nem rigidez conceitual.

Ao completar dez anos, a *LaborHistórico* reafirma esse compromisso: seguir como espaço para trabalhos, na área das ciências da linguagem, que lidam com o tempo, com a matéria textual e com a complexidade dos testemunhos linguísticos. É nesse espírito que a revista se mantém ativa e reconhecida, integrando redes como a *Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC)* e o *Fórum de Editores da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (FEANPOLL)*, além de estar indexada⁵ em diversos sistemas nacionais e internacionais de informação científica.

Apresentação dos trabalhos deste número

A presente edição comemorativa de dez anos da *LaborHistórico* reúne um conjunto expressivo de trabalhos que exemplificam a diversidade teórica, temática e metodológica que a revista tem acolhido desde sua fundação. Assim, reunimos um conjunto de 15 trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros organizados nas seguintes seções: *Artigos*, *Fontes primárias*, *Traduções* e *Resenhas*.

A seção de artigos é aberta com o ensaio “O eu profundo e os outros eus da variação e mudança: Hermann Paul Hermann pai Hermann bruxo”, de Emilio Gozze Pagotto, que revisita, de maneira muito criativa e poética, os fundamentos da variação e da mudança linguística em diálogo crítico com Hermann Paul (pai da escola neogramática), com o célebre artigo dos variacionistas Weinreich, Labov e Herzog, com Mufwene (ecologia da evolução linguística) e com Foucault (nos atos de fala).

Seguem-se reflexões sobre a conformação histórica da língua portuguesa como língua multicultural, desenvolvidas por Américo Venâncio Lopes Machado Filho e Paulo Osório, no artigo “Na linha do advento histórico da língua portuguesa: norma, variação e mudança”, em abordagens comparadas de diferentes níveis de análise linguística. O artigo de Dante Lucchesi e Welton Rodrigues Santos, intitulado “Análise sociolinguística em tempo real de curta duração da variação na concordância verbal junta à 3ª pessoa do plural no português afro-brasileiro de Helvécia”, apresenta resultados de uma análise sociolinguística em tempo real de curta duração, com base na comunidade afro-brasileira de Helvécia, contribuindo para o debate sobre a origem da fala popular brasileira.

Na sequência, Dinah Callou e Márcia Cristina de Brito Rumeu analisam, no artigo “Sobre o futuro no passado e no presente”, a expressão do futuro no português

⁵ Ver lista disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/indexing>.

oitocentista com base em cartas de Cristiano Otoni, destacando a interação entre morfossintaxe e gêneros textuais. César Nardelli Cambraia, no artigo “Mecanismos funcionais e variação linguística no português clássico: artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na Peregrinação”, investiga a presença do artigo definido com antropônimos na obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, sob a perspectiva da linguística funcional e da sociolinguística variacionista, evidenciando como diferentes pressões funcionais influenciam esse comportamento linguístico em um contexto de concorrência estrutural.

Silvia Cavalcante, Anna Cavalcante e Anna Lyssa Machado, no artigo intitulado “Sujeito Nulo, Ordem VS e Focalização do Sujeito em cartas pessoais brasileiras dos séculos XIX e XX”, examinam o comportamento de sujeitos nulos em cartas pessoais dos séculos XIX e XX enquanto pistas bastante interessantes sobre como pode ter se dado a difusão da mudança paramétrica relativa às propriedades da posição de sujeito, em particular na língua escrita. Em outra vertente, Graça Rio-Torto, no artigo “Uma abordagem holística dos sufixos avaliativos: o contributo dos dados do Português”, propõe uma abordagem abrangente da sufixação avaliativa em português, articulando morfologia, pragmática e cognição.

O volume também inclui dois estudos dedicados ao espaço galego-português. Rosario Álvarez Blanco ressalta, no artigo “Galícia, Portugal, Brasil: unha lanza pola dialectoloxía”, o valor da variação lexical como via para a reconstrução cultural e linguística dos vínculos entre Galícia, Portugal e Brasil. Um outro aspecto é trazido Ramón Mariño Paz, em “O presumíbel galego extenso de Gregorio de Lobaríñas Feijó”, que propõe uma leitura do “galego extenso” de Gregorio de Lobaríñas Feijó, sugerindo a persistência de uma consciência linguística pan-galego-portuguesa no século XVII.

O artigo “Transkribus no fazer filológico: um relato de experiência”, de Ana Depizzolatti e Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, introduz uma experiência prática com a plataforma *Transkribus* no trabalho filológico, discutindo limites e potencialidades do reconhecimento automático de texto e colocando a filologia em diálogo com as novas metodologias de edição de textos, consubstanciando-se, portanto, nos estudos que integram as “Novas Humanidades” ou as também designadas “Humanidades Digitais”. Já Phablo Roberto Marchis Fachin, no artigo “O secretariado da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de São Paulo: escrita, burocracia e dinâmicas socioeconômicas nos séculos XVII e XVIII”, mobiliza ferramentas da filologia e da história da escrita para analisar o papel do secretariado na Ordem Terceira de São Francisco de São Paulo, com foco nos mecanismos documentais de legitimação social e organização institucional secular no período colonial.

Por fim fechamos a seção “Artigos”, com o trabalho “Afim, o que é Filologia no Brasil? Sentidos, Práticas e Institucionalização no Século XXI”, de Vanessa Martins do Monte, que nos oferece uma instigante reflexão sobre os sentidos e os usos da

filologia no Brasil contemporâneo, examinando seus modos de institucionalização, seus desafios epistemológicos e sua relação com agendas críticas sociais e democráticas.

Na seção “Fontes primárias”, Alécia Teles Guimarães e Alice Leal Morato apresentam a edição fac-similar e paleográfica de um conjunto documental da Intendência Municipal de Sabará datado de 1890, permitindo acesso a uma rica amostra de textos administrativos e (socio)linguisticamente relevantes para a história mineira do período. A seção de traduções traz ao público uma versão em português do texto “The Words on the Page: Thoughts on Philology, Old and New”, de Matthew James Driscoll, vertido por Mario Cesar Newman de Queiroz e Lorenna Bastos, acompanhado de valiosos comentários dos tradutores que situam o texto no contexto das discussões sobre a New Philology e sua recepção no Brasil. Encerrando este número, Luiz Eduardo Oliveira apresenta uma resenha da primeira biografia do marquês de Pombal, obra organizada por Alícia Duhá Lose e Rafael Magalhães, que oferece uma leitura crítica das representações historiográficas do período pombalino a partir de uma fonte manuscrita setecentista.

Esse conjunto de trabalhos tão diversos reafirma o compromisso da *LaborHistórico* com a circulação de investigações rigorosas, inovadoras e sensíveis à historicidade da linguagem, da cultura e dos textos, em consonância com os debates contemporâneos nos campos da filologia, da linguística (sobretudo histórica) e das humanidades em geral.

Considerações finais

Chegar aos dez anos de uma revista científica no Brasil é, por si só, um feito que merece ser destacado. Ainda mais quando se trata de uma publicação que se propôs, desde o início, a abrir espaço para formas de pesquisa muitas vezes não devidamente valorizadas pelos imperativos de produtividade e de visibilidade que regulam, em alguma medida, o campo acadêmico.

Esse percurso foi possível graças a muitas mãos. A cada número, a revista foi sendo construída coletivamente, com o apoio de autoras e autores generosos, organizadores de dossiês sagazes, pareceristas atenciosos, tradutores, diagramadores, leitores críticos, estudantes, docentes, editoras e editores que, ao longo desses anos, dedicaram parte de seu tempo e de sua energia de trabalho intelectual e, em alguns casos, técnico ao projeto da revista. Essa confiança é o que sustenta o trabalho editorial: a aposta de que ainda vale a pena publicar com rigor, com responsabilidade e em acesso aberto.

A escolha dos textos que compõem este número não tem como objetivo a exibição de um balanço, nem a tentativa de canonizar uma linha editorial. O que se quis, antes, foi reunir vozes que, em sua diversidade de temas, objetos, posicionamentos e instituições, ajudaram a dar forma e sentido à *LaborHistórico*. Algumas dessas vozes participaram da revista desde seus primeiros números, outras ingressaram ao longo do tempo, outras chegam agora. Em comum, há o gesto de divulgação e a disposição

para contribuir com uma comunidade que acredita na importância do debate e do cuidado com a forma de se fazer ciência.

Seguir editando uma revista como esta é, também, seguir defendendo a ideia de que a pesquisa acadêmica não se faz apenas de resultados, mas de processos, hesitações, escutas e revisões. Que o texto acadêmico pode ser mais que uma vitrine, pode ser lugar de elaboração, de memória, de abertura ao outro. E que o trabalho coletivo, embora difícil e muitas vezes invisível, é o que permite sustentar uma revista ativa, plural e atenta ao seu tempo.

A *LaborHistórico* não chegou até aqui sozinha. Que esta edição comemorativa seja, portanto, não um ponto de chegada, mas mais um entre os muitos passos possíveis de um percurso que continua.

Referências

CONDE SILVESTRE, J. C. Sociolingüística Histórica. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

GAMA, M. Como ter leitores para sua pesquisa com manuscritos? *Manuscritica – Revista de Crítica Genética*, n. 32, p. 135-135. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177855>.

MARCOTULIO, L. L.; LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. R. de O. Apresentação. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 10-11, jan./jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v1i1.4781>.